



Agro foco

Revista de Agropecuária da Embrapa Amazônia Oriental - Ano II - nº 5 - ago. 2016

Entrevista

Marco Antônio Tomasoni, professor da
Universidade Federal da Bahia

Temas desta edição

Microalgas amazônicas

Búfalo

Inseminação

Açaí

Invasões biológicas

Café

Napt Belém-Brasília

Campo Experimental de Paragominas

Embrapa

Campo Experimental de Paragominas

EMBORA CONTANDO APENAS COM UMA MODESTA INFRAESTRUTURA DE APOIO E UM REDUZIDO QUADRO DE PESSOAL DE CAMPO, AS ATIVIDADES DE PESQUISA DO CAMPO EXPERIMENTAL DE PARAGOMINAS, DESDE A SUA CRIAÇÃO, SE DESTACARAM PELO PIONEIRISMO.

A gênese do Campo Experimental da Embrapa, em Paragominas, no estado do Pará, deu-se com a criação, em 1976, do Projeto de Recuperação, Melhoramento e Manejo de Pastagens da Amazônia Legal, o Propasto Amazônia Legal. Esse projeto, que abrangia toda a região amazônica, foi concebido por meio de um convênio entre a Embrapa e o Banco da Amazônia (Basa) com interveniência da Sudam. Os recursos financeiros eram do próprio Basa, do Polamazônia (Programa de Polos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia) e da Embrapa. Esse projeto, coordenado pelo então Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido (CPATU), hoje, Embrapa Amazônia Oriental, tinha a duração inicial prevista de quatro anos (1976-1979). O objetivo desse projeto era estudar e tentar minimizar as causas da baixa produtividade das pastagens, responsáveis pelo fraco desempenho da pecuária bovina, nas diversas regiões pastoris amazônicas.

Uma peculiaridade do Propasto era que as pesquisas de campo teriam que ser desenvolvidas em fazendas particulares (chamadas de campos experimentais). Estas fazendas eram selecionadas por sua localização

estratégica e representatividade do ecossistema pastoril de criação de gado de corte, em diversos locais da região amazônica. Cada campo experimental abrangia cerca de 200 ha de pastagens degradadas ou em degradação, ou ainda, de pastagens naturais de baixo potencial produtivo.

Para a escolha e implantação desses campos experimentais, diversos pecuaristas foram contatados e, posteriormente, selecionados por meio de um contrato de cooperação técnica. Nessa parceria, a Embrapa teria uma área para desenvolver suas pesquisas e o produtor se beneficiaria, por ter parte de suas pastagens degradadas recuperadas, podendo ainda acompanhar o desenvolvimento dessas tecnologias em sua propriedade rural.

Quando implantado, em 1976, o Propasto Amazônia Legal programava atividades experimentais para os municípios de Paragominas, Marabá, São João do Araguaia, Santana do Araguaia e Ponta de Pedras (Ilha de Marajó), no Estado do Pará; Amapá e Macapá, no então Território Federal do Amapá; Boa Vista e Caracaraí, no então Território Federal de Roraima; Itacoatiara, no Estado do Amazonas; Porto Velho e Ji-Paraná, no então

Território Federal de Rondônia; Rio Branco, no Estado do Acre; e Xambioá, no extremo norte do então Estado de Goiás, hoje Tocantins.

Nos anos 1970, o Município de Paragominas, no Pará, era um dos mais importantes centros da pecuária bovina na região amazônica. Nesse município, os problemas com a degradação de pastagem eram bastante graves. Essas características tornavam a implantação das atividades do Propasto uma prioridade nesse local.

Assim, um dos primeiros campos experimentais do Propasto, implantados na Amazônia, foi o Campo Experimental de Paragominas. A fazenda selecionada para abrigar as atividades de pesquisa do Propasto, em Paragominas, foi a "Poderosa", às margens da estrada PA-125, 10 km ao sul da sede do município.

O proprietário da fazenda Poderosa era o pecuarista mineiro Manoel Nahôr de Lima, na época com 52 anos de idade, que havia emigrado para Paragominas em 1972 e fixando residência definitiva naquela cidade, em 1974. Falecido, em 1996, 20 anos após o início das atividades do Propasto na sua fazenda, seu Nahôr, como era conhecido pelos ►

Judson Ferreira Valentim





Domingos Sávio Campos Paciullo

► empregados da Embrapa que desenvolviam pesquisas no Campo Experimental de Paragominas, foi um visionário, de espírito altruísta, que muito contribuiu para o progresso da ciência e tecnologia na Amazônia. Após a sua morte, seus filhos honraram o seu legado, facilitando a permanência da Embrapa na fazenda Poderosa.

Embora contando apenas com uma modesta infraestrutura de apoio e um reduzido quadro de pessoal de campo, as atividades de pesquisa do Campo Experimental de Paragominas, desde a sua criação, se destacaram pelo pioneirismo.

Dentre esses destaques, merecem citação, o primeiro experimento de pastejo, em grande escala, com bovinos, conduzido na Amazônia, testado os efeitos da adubação (1978). As primeiras plantas de capim-marandu (*Brachiaria brizantha* cv. Marandu, na época *Brachiaria* sp. CPATU 20) introduzidas na região de Paragominas (1981). O primeiro experimento silvipastoril implantado no Pará (1981). A primeira área de capim andropógon (*Andropogon gayanus*) implantada na Amazônia (1980). O primeiro experimento de integração lavoura pecuária floresta no Pará (1986). Além do capim-marandu (lançado em 1984), todos as cultivares de capins lançadas pela Embrapa no Brasil, a partir dos anos 1990, como os capins mombaça, massai, tanzânia, xaraés e piatã, foram inicialmente avaliados no Campo Experimental de Paragominas, antes de serem oficialmente lançadas.

O Campo Experimental de Paragominas também se destacou pelo volume dos resultados de pesquisa gerados. Desde a sua criação, em 1976, diversas publicações foram produzidas a partir dos dados coletados nessa área experimental. Esses textos foram disponibilizados em publicações da série Embrapa, artigos científicos, teses de mestrado e doutorado, além de resumos em anais de encontros científicos, nacionais e internacionais. Com relação a publicações, o Campo Experimental de Paragominas também foi pioneiro ao protagonizar o primeiro texto da série Embrapa, publicado na Amazônia, sobre os resultados do Propasto (Pesquisa em Andamento nº 11, agosto 1980, M. B. Dias-Filho e E. A. S. Serrão, sobre recuperação de pastagem de capim colômbio com fertilizantes e leguminosas).

Até o final dos anos 1980, as pesquisas desenvolvidas no Campo Experimental de Paragominas foram concentradas principalmente no tema pastagens. A partir dos anos 1990, outras linhas de pesquisa também foram priorizadas, com

destaque para os trabalhos de pesquisa agroflorestal e com a produção de grãos.

Em 2014, cerca de 40 anos após a sua criação, as atividades de pesquisa no Campo Experimental de Paragominas foram oficialmente encerradas, momento em que a Embrapa devolveu para a família Lima, proprietária da antiga fazenda Poderosa, a área de pesquisa originalmente cedida pelo Sr. Manoel Nahôr de Lima, em 1976.

Uma nova área experimental, doada à Embrapa, pela Prefeitura Municipal de Paragominas, em 2013, foi estruturada para abrigar as novas instalações do Campo Experimental da Embrapa em Paragominas. Em reconhecimento à contribuição prestada pelo Sr. Manoel Nahôr de Lima e por sua família, durante os cerca de 40 anos que a Embrapa utilizou as suas terras para desenvolver pesquisas, essa nova área experimental será denominada Campo Experimental Manoel Nahôr de Lima. Desta forma, enquanto em sua origem, a pesquisa agropecuária em Paragominas foi desenvolvida no “Campo da Embrapa”, na área de Manoel Nahôr de Lima, a partir de agora, ela será desenvolvida no “Campo Manoel Nahôr de Lima”, na área da Embrapa.